

31/12/2015

QUEDA DAS IMPORTAÇÕES BENEFICIA BALANÇA COMERCIAL

A [balança comercial](#), cujo saldo representa as trocas de produtos entre o Brasil e o resto do mundo, começou 2015 negativa. Logo em janeiro, houve déficit de US\$ 3,174 bilhões.

Isso significa que as importações no mês, ou seja, as compras do país no exterior, superaram as exportações, que são as vendas para outros países.

O saldo ainda refletia o quadro de 2014. A balança terminou aquele ano negativa em R\$ 3,93 bilhões, o primeiro déficit anual desde 2000.

A situação da balança em 2015 começou a se reconfigurar a partir de março, quando foi registrado o primeiro saldo positivo do ano. Houve superávit, ainda modesto, de US\$ 458 milhões.

Na ocasião, o governo informou que a virada já era esperada, devido ao início dos embarques de soja, um dos principais produtos brasileiros de exportação. O saldo positivo, entretanto, tinha ainda outro motivo: as [importações](#) estavam caindo em ritmo acelerado.

Queda

As exportações também estavam em processo de queda, em razão do recuo nos preços das commodities (produtos básicos com cotação internacional) e da diminuição nas vendas de industrializados brasileiros, principalmente para a Argentina.

No entanto, as importações caíam mais intensamente e as quantidades embarcadas de soja e petróleo ajudavam a compensar a queda nos preços dos produtos básicos exportados. Com esse quadro, a balança ampliou o saldo positivo.

Ao fim de junho, reverteu o déficit acumulado, obtendo superávit de US\$ 2,2 bilhões em seis meses. O resultado foi o melhor para o período desde 2012.

Mais saldos positivos se seguiram e, na segunda semana de dezembro, o saldo acumulado da balança ficou positivo em US\$ 15,8 bilhões, superando a expectativa do governo, que era encerrar 2015 com superávit de US\$ 15 bilhões.

No entanto, José Augusto de Castro, presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), considera que o resultado pode ser considerado um “superávit negativo”, por se dever, em parte, à queda de importações.

“As importações despencaram. Caíram 23,3%, até a segunda semana de dezembro, enquanto as exportações caíram 14,6%. O mais pessimista não imaginaria que chegaríamos a essa queda das importações”, comenta.

Segundo ele, as compras de importados caíram em razão do recuo na atividade econômica e alta do dólar, que bateu recordes de crescimento em relação ao real em 2015.

Contratos

A moeda norte-americana reagiu à turbulência econômica e política no país ao longo do ano. O dólar baliza os contratos de exportação e importação e, portanto, influencia as operações.

Quando está valorizado ante o real, os produtos brasileiros têm preços mais atraentes no exterior. Com as importações, é o contrário: o dólar alto aumenta o preço final dos importados no mercado brasileiro.

Se a aquisição de importados foi desestimulada pelo dólar em alta, José Augusto destaca que as exportações, que poderiam ter se beneficiado do movimento, não ganharam impulso suficiente.

“[A alta do dólar] não foi o suficiente para tornar nossos produtos competitivos. O impacto do câmbio sobre os manufaturados [industrializados] praticamente foi nulo. Alguns insumos da indústria são importados e a taxa de câmbio muito elevada não nos ajuda. Cada vez que sobe o dólar, os compradores pedem desconto”, comenta ele, que defende um câmbio equilibrado.

Para 2016, a AEB projeta comportamento da balança semelhante ao deste ano. A entidade prevê superávit de US\$ 29,228 bilhões. Estima, ainda, que as exportações cairão 1% em relação a 2015 e as importações, 9,5%.

Segundo José Augusto de Castro, a queda no valor exportado será menor que a deste ano porque, após um recuo acentuado, os preços das commodities tendem a se estabilizar.



“O cenário econômico continuará difícil. Temos perda do grau de investimento, elevação da taxa de juros dos Estados Unidos. O câmbio vai ficar em piso de R\$ 4 e teto de R\$ 4,50. As importações devem cair, bem como as exportações. Mas as exportações cairão de forma mais suave”, prevê.

Fonte: Exame.com